UMA CIDADE E UMA LITERATURA EM FORMAÇÃO: O ROMANCE *A AFILHADA* E A FORTALEZA DO FINAL DO SÉCULO XIX

Tiago PARENTE[i] (UFC)

RESUMO:

A cidade de Fortaleza, no final do século XIX, passou por um processo de urbanização e de mudanças sociais. Nesse período, surgem as primeiras narrativas em formato de romance que tentam (d)escrevê-la. Este artigo analisa como o espaço urbano fortalezense foi construído no texto do livro *A Afilhada*, escrito por Oliveira Paiva, em 1889, nos rodapés do jornal *Libertador*. Com a influência do naturalismo, ele acreditava ser a escola literária capaz de acabar com o provincianismo brasileiro. Consciente da necessidade de captar e criar a realidade, ele tenta demonstrar, em sua escrita, as transformações urbanas pelas quais Fortaleza passava. Ele descreve os hábitos citadinos existentes em Fortaleza, e demonstra, a partir da trajetória de vida de duas personagens femininas, duas realidades distintas na cidade. Políticos, intelectuais e uma elite esclarecida sonham com progresso; mas entre suas ruelas e becos, há miseráveis que não acompanham o projeto de crescimento.

Palavras-chave: Oliveira Paiva, Fortaleza, Naturalismo, Cidade Letrada

ABSTRACT

The city of Fortaleza, in the end of the nineteenth century, passed through a urbanization process and social changes. It is in this period when some of the first narratives in the format of novels trying to describe Fortaleza appear. This article analyses how urban space of Fortaleza was built within the text os the book A Afilhada, written by Oliveira Paiva in 1889, in the footers of the newspaper Libertador. With influences of naturalism, he believe it to be the literary school able to deal with Brazilian provincialism. Aware of the needs to capture and create reality, he tries to show, in his writing, urban transformations that took place in Fortaleza. He describes urban habits of Fortaleza´s citizens and shows through life trajetory os two female characters, two opposite realities within the city. Politicians, intellectuals, and an informed elite dream about progress, but between its narrow streets and alleys there are beggars who won´t follow the development project.

Key-words: Oliveira Paiva, Fortaleza, naturalism, literate city

1 Introdução

O romance *A Afilhada,* do escritor cearense Oliveira Paiva, situa-se em um contexto periférico da literatura brasileira. Foi escrito em 1889, em formato de folhetim, nos rodapés do jornal abolicionista *Libertador*. A trama e o cenário do romance estão ambientados nas paisagens de Fortaleza, uma cidade que se formava imersa em um processo de imposições culturais de uma nova elite econômica, política e intelectual durante o período comumente denominado de *Belle Époque*.

Oliveira Paiva morreu de tuberculose, aos 31 anos, em 1892, deixou dois romances: *A Afilhada* e *Dona Guidinha do Poço*. Ambos, porém, não foram publicados durante a vida do romancista. *Dona Guidinha...*, considerado seu melhor texto, ganhou projeção póstuma na literatura brasileira. Embora tenha sido finalizado no mesmo ano de sua morte, o romance só foi publicado 60 anos depois, graças ao esforço do poeta cearense Antônio Sales, que conservou consigo os manuscritos, e da crítica literária mineira Lúcia Miguel-Pereira (TINHORÃO, 1986). Após a publicação de *Dona Guidinha...*, foi a vez de *A Afilhada*. O romance, só teve publicação em 1961. Oliveira Paiva, portanto, recebeu, postumamente, seu reconhecimento literário.

Aqui, interessa-nos, em especial, a trama de *A Afilhada*, justamente por trazer para o campo da ficção uma discussão sobre a expansão da cidade de Fortaleza na segunda metade do século XIX. O enredo consiste na trajetória paralela de duas personagens femininas: Maria das Dores e Antônia. A primeira é uma moça bem-nascida. Sua mãe, dona Fabiana, tenta, a todo custo, casá-la com o visconde Afrodísio. Este, mulherengo, tem graças por Antônia, afilhada de Fabiana, criada na mesma casa que Das Dores. Sem conseguir sucesso, com o visconde, Das Dores casa com o primo Vicente, sobrinho de seu pai, desembargador Osório, participante do partido liberal.

Depois de casados, Vicente e Das Dores vão morar na capital brasileira, o Rio de Janeiro. A opção da viagem se dá principalmente por Vicente não conseguir conviver com uma cidade tão provinciana e incivilizada, como Fortaleza. Em paralelo, Antônia, menina sem condição de ser criada por seu pai biológico, morou a vida toda na casa dos padrinhos. O título do romance em estudo faz referência óbvia à personagem. O livro possui quatro longos capítulos e, mesmo sendo Antônia a protagonista, sua história só é desenvolvida e revelada na segunda metade da narrativa, quando esta, grávida, sem

saber ao certo quem é o pai – envolvera-se com o visconde e o seu empregado, João Batista – decide fugir de casa.

Antônia possui trajetória totalmente contrária à de Maria das Dores. Enquanto esta passeia pela cidade e contempla seus espaços públicos, o destino da afilhada é ficar no quintal de casa, junto aos animais e às plantas, onde se sente mais à vontade. Ao tentar fugir dessa rotina, a protagonista passa por vários conflitos. Grávida e abandonada, não consegue resistir ao parto e se recusa a pedir ajuda. Tem vergonha de sua situação, pois "a desonra aparecia à miséria como uma doença incurável. Saúde e honra que não voltam mais! Depreciadas pelos que as possuem, inutilmente aneladas pelos que as perdem de todo" (PAIVA, 1993, 287).

A trama se concentra principalmente no cotidiano de Maria das Dores e Antônia, mas as personagens secundárias dão pistas para uma análise do romance. Dona Fabiana, muito ambiciosa, sempre "civilizada", tenta usar sua filha como possibilidade de ascensão social, ao casá-la com o visconde Afrodísio, mas os resultados foram insatisfatórios. Ao desistir de casar a filha com o visconde, ela "duvidou até da **masculinidade** do fidalgo, e classificou-o com um nome feio" (PAIVA, 1993, 231 – grifo meu). Fabiana, também, foi responsável pela criação de Antônia, sua afilhada.

Com um comportamento imperativo, ela consegue sempre arrumar conflitos com o marido, o desembargador Osório. Este, filiado ao partido liberal, teme que as artimanhas da esposa deem certo, pois "o tal nobre sujeito que Fabiana queria incrustar na família era do partido contrário e seria o que se chama uma vileza um íntegro magistrado virar casaca. A filha não havia de desposar um inimigo político bem se vê" (PAIVA, 1993, 182). O desembargador, um homem cético, ex-senador, é muito amigo do Boticário Fernandes, com quem papeava nas tardes sobre os assuntos da província e da corte. Osório compartilha com o amigo um ceticismo diante do advento da ciência. Escuta do boticário ensinamentos, como "Cuide nas suas leis artificiais, que as da natureza só serão descobertas a seu tempo; e inda mesmo desconhecidas agem sempre quer a ciência queira, quer não" (PAIVA, 1993, 181). Ou: "são teorias, são modos de ver, são opiniões; o mundo para nós não é o que é, é o que vemos e o que entendemos ser" (PAIVA, 1993, 190).

Estratégico e político, Osório tenta casar a filha com Vicente e almeja a eleição do sobrinho para presidente da província. Por causa da sua postura relativa à ciência, possui pequenos conflitos com o futuro genro. Vicente é um cientista, um homem

devoto ao saber, não acredita muito no amor, mas concede às graças de Das Dores. Existem ainda outras personagens fora do eixo principal e do ciclo familiar, mas muito importantes para ambiência do romance: João de Paula e Mãe Zefa. Cego e mendigo, João de Paula é o pai biológico de Antônia. Ele vivia perambulando pelas ruas de Fortaleza, um ser anônimo, que poucos o conheciam, a não serem alguns negros.

> (...) tinha em melhor sorte era mesmo a Antônia. Fazia da loura um ideão. Esperançava um dia ter notícias de que ela, criada e moldada no bem-estar, fizesse um bom partido, e de que era senhora distinta e esposa feliz. Dispensava que se lembrasse dos seus. (...) Fora sapateiro e cegara de gota-serena, quando Antônia era ainda criança. Como a mulher falecesse, entregara Antônia neném à madrinha, Dona Fabiana, que era uma pessoa que cheirava a santo (PAIVA, 1993, 302).

Mãe Zefa, uma negra, é a mais importante de todas e pariu Ângela, que "se pusera moça aos treze anos" (234). Rainha dos pretos, sempre nos candomblés, Mãe Zefa representa a parte dos negros. Era uma preta "alforriada que vivia do seu tabuleiro de arroz à noite, e de hortaliças pela manhã, servia-lhes para certas embaixadas, e contava a cada um, coisas do outro" (PAIVA, 1993, 189). Mãe Zefa frequentava assiduamente a casa do Desembargador Osório e acabou exercendo influência na criação de Antônia. A sina de Antônia, por já ter nascido filha de um mendigo, fez com que ela, embora fosse branca e loira, se desse muito bem com os negros e assimilasse os aspectos comportamentais. É irmã de criação de Ângela, com quem compartilha muitas afinidades. "Eram estas duas quase da mesma feição, **pois que a brancura de Antônia era enegrecida pela miséria dos pais, por um descuido hereditário, pela existência vegetativa da sua linhagem**" (PAIVA, 1993, 236 – grifo meu).

A última personagem que esboço nesta sumária apresentação do romance *A Afilhada* é o visconde Afrodísio. O nome, um tanto quanto sugestivo, faz referência à Afrodite. O elo entre a mitologia e a criação de Oliveira Paiva não fica apenas na carga etimológica, pois "(...) dado a mulheres, isso o era. Segredos virginais não lhe eram novidade. Bateu mão à prática do ofício de lidar com o animal do outro sexo. Avançadas as retiradas, guerrilha, em vez de batalha campal. Certamente, receava cair nalguma asneira romântica" (PAIVA, 1993, 197). Enquanto Fabiana tenta casá-lo com Das Dores, o visconde, de nacionalidade portuguesa, acaba por se engraçar mesmo por Antônia e Ângela. Pela primeira a sua relação é mais intensa:

> Afrodísio tinha o amor da Antonia, aviltado a princípio com o da Ângela; e agora, o que servia era subir, subir, até às estrelas, no balão do amor. Antônia calculava subir até o casamento, iludida pelo exemplo ainda frescal, de um português que vivera com uma escrava e a desposara em artigo de morte (PAIVA, 1993, 246).

Antônia alimenta uma esperança de que, com a relação estabelecida com o português, ela poderia sair da condição subalterna na qual se encontrava. Obviamente, frustra-se. A ela, cabe João Batista, "um caixeiro da casa Afrodísio Pimenta & Cia, apaixonou-se por ela. **Um namorado sem ventura**[1]" (PAIVA, 1993, 205 – grifo meu).

Embora o romance esteja repleto de moral burguesa, expressando inclusive os preconceitos raciais e deterministas de sua época, um dos pontos mais fortes é a construção literária de Fortaleza. Para Rolando Morel Pinto , a cidade é:

> (...) amoravelmente reconstituída, esmerando-se o autor na pintura da natureza e na projeção da cidade, com uma seleção de ângulos variados e pitorescos. Todas as vezes que o narrador tem oportunidade, cede foco de visão às personagens, e então se descortinam panoramas coloridos do Outeiro, as brancas praias do Meireles, tudo em estilo de cartão postal (Pinto IN: PAIVA, 1993: XXII).

2 A cidade e a modernidade

[1] O trecho grifado faz referência a um estilo utilizado pelo autor, ao longo de quase toda a narrativa. Oliveira Paiva, ao apresentar as tramas de suas personagens e o desenrolar de suas ações, apresenta na escrita por menor que seja, seus posicionamentos. A artimanha estilística deixa uma sadia ambiguidade quanto à interpretação do romance. Por estar em seu discurso "Um namorado sem ventura", não se sabe ao certo se se trata da opinião do escritor, ou se Oliveira Paiva já anuncia o recurso literário do discurso indireto livre, mas propagado na segunda metade do século XX. A situação se repete em várias cenas, como, por exemplo, quando Oliveira Paiva descreve a indignação do desembargador Osório com o seu povo "Se ele derramasse um saquinho de ouro nas mãos da plebe faminta que elege aos representantes da nação, diz o Osório desiludido da sua candidatura a senador, é que estes não passavam de procuradores de meia dúzia interesseira. **Caramba!***"* (PAIVA, 1993, 245 – grifo meu). Ou então, depois de uma discussão de Fabiana com o desembargador Osório. Fabiana se retira da cena. Oliveira Paiva quebra a narrativa com um parágrafo de uma única oração "Há tanta gente cambada!" (PAIVA, 1993, 266). No parágrafo seguinte, dá continuidade à narração. Outro elemento curioso na escrita de Oliveira Paiva é que ele explora a oralidade popular na construção dos diálogos das personagens. As personagens mais humildes que não dominam as regras gramaticais são representadas com uma tentativa de fidelidade de sua oralidade. Os exemplos são vários: "**Desna dont** que ele não aparece por aqui" (PAIVA, 1993, 178 – grifo meu); "Adonde? Em **Butrité? Inhô sim**. Está tudo **açulerado**. Nestas intenções sai macaco chumbado..." (PAIVA, 1993, 191 – grifo meu); "**Inhora**, *não*. (...) Falou sim, **a mode** que trocou o nome dela" (PAIVA, 1993, 201 – grifo meu). Esse artifício de aproximar cada vez mais da realidade será desenvolvido com muito mais elegância e propriedade em *Dona Guidinha do Poço.*

Sendo *A Afilhada* o primeiro romance que se tem conhecimento sobre Fortaleza, e sabendo que o romance é o gênero textual, por excelência, da modernidade e da burguesia, acredito ser relevante pensar como se dá a relação entre os termos: cidade, romance e modernidade. Nesta tríade, o conceito de modernidade é central para a análise proposta. Tomamos como ponto de partida a definição do crítico literário Marshall Berman (2007). O significado de moderno está na possibilidade de um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor. Esses benefícios, no entanto, não são gratuitos. Ao mesmo tempo, ela é uma constante ameaça de destruição de tudo o que temos, tudo que sabemos, tudo o que somos. "A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana" (BERMAN, 2007, 24).

O autor estabelece uma divisão de três fases para a modernidade. A primeira acontece no início do século XVI e vai até o fim do século XVIII. Nela, as pessoas estão apenas começando a experimentar a vida moderna e não fazem ideia do que as atingiu. A segunda fase começa com a grande onda revolucionária de 1790, principalmente com a Revolução Francesa, marco da expansão e difusão para todo o Ocidente de ideias como liberdade e igualdade. Finalmente, com a entrada do século XX, Berman percebe a terceira e última fase, quando o processo de modernização se expande a ponto de abarcar virtualmente o mundo todo, e a cultura mundial culmina com o modernismo em desenvolvimento, atingindo espetaculares triunfos na arte e no pensamento.

O mais interessante está justamente na transição da segunda para a terceira fase. Ela é o marco da expansão do capitalismo, em que as culturas europeias, mais do que nunca, expandem-se além-mar e consolidam o processo de dominação cultural. Fortaleza, assim como várias capitais brasileiras, passou por esse momento. Até hoje, para qualquer discussão, acerca de literatura e/ou urbanização no Brasil, faz-se necessário um passeio pelo período do século XIX, quando o sentimento de modernidade germina no Brasil e ganha asas, a ponto de influenciar vários de nossos pensadores, artistas e intelectuais surgidos no início do século XX.

Berman repara que as afirmações feitas sobre a modernidade por escritores e pensadores do século XX, comparadas às feitas por outros um século antes, são:

> (...) um radical achatamento de perspectiva e uma diminuição do espectro imaginativo. Nossos pensadores do século XIX eram simultaneamente entusiastas e inimigos da vida moderna, lutando desesperados contra suas ambiguidades e contradições; sua auto-ironia e suas tensões íntimas constituíam as fontes primárias de seu poder criativo (BERMAN, 2007, 35).

É justamente nesse período que surgem as primeiras narrativas em formato de romance em e sobre Fortaleza. Deste, podemos enumerar, em especial, *A Afilhada* e *A Normalista*. Ambos têm Fortaleza como ambiente especial. A relação existente entre a cidade e seus signos representativos propicia uma longa reflexão. Até que ponto um texto se apresenta como importante na construção de um tecido urbano? O uruguaio Angel Rama esmiuçou essa questão em seu livro *A Cidade das Letras* (1984), no qual estabelece a importância do universo letrado para a constituição de uma cidade. Para ele, os textos medeiam, muitas vezes, os sonhos e utopias de um povo sobre determinada região. Quem sabe também os pesadelos? Esses sonhos – ou pesadelos – podem se materializar ou não. Ou seja, não é só a cidade que é representada literariamente, mas os anseios são apresentados em forma de literatura como projeto para aquela cidade:

> **O sonho de uma ordem** servia para perpetuar o poder garantido. E, além disso, se impunha a qualquer discurso opositor desse poder obrigando-a a transitar, previamente, pelo **sonho de outra ordem** (...) Antes de ser uma realidade de ruas, casa, e praças, que só podem existir e ainda assim gradualmente, no transcurso do tempo histórico, as cidades emergiam já completas por um parto da inteligência nas normas que as teorizavam, nos atos fundacionais que as estatuíam, nos planos que as desenhavam idealmente, com essa regularidade fatal que espreita aos sonhos da razão (RAMA, 1984, 32 – grifos do autor).

O conceito de Cidade Letrada, adotado por Angel Rama, não se resume aos anseios na literatura desenvolvida por escritores ou pensadores da época. Trata-se de uma reunião de costumes que foram aos poucos sendo colocados ao mundo, principalmente no aspecto cultural e educativo. Se antes existia, no processo colonizador, o sistema de evangelização do cristianismo, como a cultura dominante, no mundo do pós-iluminismo encontram-se outras formas de "doutrinar" os leigos.

Eis por que o discurso da educação formal vem aflorar de forma muito pertinente na modernidade. Competia a este projeto de cidade dominar e civilizar seu

contorno. Uma das formas encontradas de dominação foi o saber. Esse projeto de cidade avança não apenas na perspectiva do urbanismo, mas na educação e no crescimento da imprensa. Torna-se quase uma necessidade a alfabetização, entre outros ensinamentos. Essa educação, ofertada ao povo "leigo e ignorante" se origina nas bases de cultura e da realidade europeia, reforçando assim, todo o processo de dominação do velho continente. A *cidade letrada* "compunha o anel protetor do poder e o executor de suas ordens: uma plêiade de religiosos, administradores, educadores, profissionais, escritores e múltiplos servidores intelectuais" (RAMA, 1984, 43).

O contexto de Fortaleza era, porém, adverso para a implementação desse projeto. Em 1887, dois anos antes da escrita de *A Afilhada*, por exemplo, de acordo com levantamento feito por Barão de Studart (2001), havia cerca de 26.943 habitantes em Fortaleza. Destes, 319 eram estrangeiros; 9.845 possuíam a garantia de emprego, distinguindo-se dos 17.698 desempregados. Os números equivalem entre os analfabetos que chegavam a 17.287, contra os 9.656 capazes de distinguir as letras. Os analfabetos, também não conseguem compartilhar da tecnologia de modernização na cidade. O pai de Antônia, por exemplo, é esmagado por um trem e morre. O fato repercute na imprensa local, com a matéria "Horrendo Assassinato":

> Desgraçadamente a verdade ainda era mais crua! Um crime espantoso! Estamos dispostos a profligar até a última! É preciso que o governo tome sérias providências, do contrário, **daqui a pouco, os trens sairão dos seus trilhos e entrarão pela cidade esmagando aos cidadãos inermes e às criancinhas inocentes, a mulheres e velhos**. A vítima chamava-se João de tal. Era cego, vejam bem, era cego! **Horrendo referens**... Vivia da caridade pública, e andava uns sessenta e tantos anos de idade. Julgava-se que tivesse errado o caminho, pois ele gabava-se de andar só, quando o trem fatal veio cortar-lhe para nunca mais as doçuras da existência! **Chegou a gritar, sentido-se perseguido pelo trem, e isso com o tempo de parar-se ainda o monstro de ferro** (PAIVA, 1993, 332 – grifos meus).

O texto reflete, em parte, os anseios da população sobre o equipamento. Havia um conflito entre os que exerciam o poder sobre a cidade e os que dela necessitavam para sobreviver. O escritor exerce poder sobre esse universo, tem a capacidade de projetar vocações urbanas, formadas por influências de pensamentos europeus. O escritor, o pensador ou o intelectual, a partir de inúmeros planos, podiam desenhar a cidade por meio de seus textos literários. Construía-se um impecável universo dos

signos, com a permissão incondicional de pensar, sonhar ou temer a cidade. Porém, eles não se continham no signo e reivindicavam para si seus projetos, desejavam tornar verdade seus ideais e fazer que seus sonhos fossem compartilhados por todos os moradores e demais cidadãos próximos. Para Oliveira Paiva, uma das formas de mudar o mundo seria por meio da palavra e pelo método científico de criação: o naturalismo.

3 O naturalismo e a transformação

Oliveira Paiva é um dos precursores do naturalismo no Ceará. Embora não tenha nenhuma grande obra no gênero, foi responsável por iniciar o debate acerca da literatura que tem como principal fundamento o embasamento científico para a sua composição estético-literária. Ele publicou dois textos intitulados *O naturalismo* e *O que vem a ser uma obra naturalista?*. Em ambos, com o pseudônimo de Gil Bert, ele esmiúça a opinião sobre o naturalismo e sua técnica de crítica literária.

No primeiro texto, publicado em 15 de janeiro de 1888, Oliveira Paiva comemora o sucesso editorial de *O Homem*[2], romance de autoria de Aluísio Azevedo, considerado o "papa" do naturalismo no Brasil. Oliveira Paiva considera a reedição do romance um grande feito para a história literária brasileira. Seria o começo de não haver mais provincianismo no País e uma mostra de que a nação sabe produzir literatura, não mais apenas consumir como se fosse uma senzala intelectual. Finaliza o artigo mostrando um esboço rápido do entendimento por essa proposta estética. Para ele,

> (...) o naturalismo, no seu rigor de observação, de experiência, ligando intimamente a ideias com a forma, acatando a ciência, subordinando-se de todo a arte, elevou o trabalho, o bom senso, o gênio, e desprezou a ociosidade dos parasitas que produzem um escrito como uma planta estéril dá uma linda flor infecunda (*A Quinzena*, 1887, p.08).

No texto seguinte, *O que vem a ser uma obra naturalista?*, Oliveira Paiva, primeiro, julga a questão "dificílima de responder". Para firmar sua argumentação, o escritor busca embasamento teórico em conceitos do enciclopedista e filósofo francês Diderot, defensor de que "as produções da arte serão comuns, imperfeitas e fracas

[2] Escrito em 1887, *O Homem* tem como enredo as relações amorosas não resolvidas de Magdá, que sofre de histeria e constantes delírios. Esses surtos intensificam a sua sexualidade e sua carência afetiva. Nos momentos de lucidez, torna-se uma pessoa cheia de rígidos princípios morais e religiosos. Em seu imaginário, Luís, um trabalhador de pedreira, é 'O Homem', seu parceiro amoroso.

enquanto não nos propusermos a uma imitação mais rigorosa da natureza". O escritor apresenta o questionamento sobre o verdadeiro significado de copiar a natureza e chega à conclusão de que a imitação não pode ser mera reprodutora, mas também criadora. "A imitação rigorosa da natureza é, portanto, não somente copiar, mas produzir, proceder, criar no rigor das leis naturais". O processo de criação, para ele, não pode ser irresponsável. O método das ciências naturais deve guiar o sentido de sua preocupação com o mundo real em que vive. E conclui:

> (...) os artistas que se apegam de preferência à imaginação, esses podem dizer e obrar o que quiserem porque não têm responsabilidade. Mas os que preferem abismar-se durante a vida inteira no seio da criação e daí perscrutando as infinitas e imutáveis leis, fazer sentir aos seus semelhantes a beleza suprema da verdade, na tendência continua para o real, para o inatingível, esses têm o que perder (*A Quinzena*, 1888, p.12).

Quase num âmbito da sacralização, a criação de um escritor naturalista exige, para Oliveira Paiva, uma responsabilidade intelectual. Não basta criatividade, inventividade. O mais importante é a responsabilidade com a obra criada. Uma literatura produzida com método científico utiliza parâmetros de comparação para a sua produção. Sua criação e imaginação são inspiradas principalmente na realidade vivenciada. Na realidade, o escritor buscará a base para sua produção. Mais uma vez otimista, com essa nova vanguarda, ele afirma que "a tendência universal da arte é o naturalismo. Mas o artista para penetrar na natureza tem de atravessar a sociedade que o produziu".

Exageros a parte, com esses dois textos podemos perceber o quão importante era a estética naturalista para o autor em questão. Num primeiro momento, a proposta literária tem tido bom êxito nacionalmente, haja vista o sucesso de *O Homem*. Com essa obra, o Brasil, na opinião de Oliveira Paiva, se igualava às grandes produções literárias europeias, não sendo mais apenas consumidor de cultura. Além da questão política, o naturalismo mostra sua importância pelo processo de criação. Por ser uma literatura oriunda de método científico, demonstra uma maior elevação do ser humano. Não por acaso, ele concede à obra um *status* de verdade cósmica, uma criação divina. Do ponto de vista estético, Oliveira Paiva considera a caracterização do ambiente e das personagens como os dois elementos mais importantes para configurar uma obra "verdadeiramente" naturalista.

O crítico Antonio Candido pondera que para os escritores naturalistas e, principalmente, para o crítico literário Silvio Romero, o romantismo resultava de uma importação. No Brasil, havia um hábito incurável de imitar, que facilmente ganhava respaldo pela ausência de críticos competentes que pudessem compreender essas fraqueza e destacar as necessidades artísticas para o Brasil (CANDIDO, 2006). Essa dependência de importação possuía inclusive uma explicação científica:

> É que (segundo Romero) a civilização moderna, produto da raça branca, tem característica da universalidade; as grandes ideias, que brotam naquela raça, se transmitem, às "famílias subalternas" pelo "princípio da **assimilação**". Daí termos tomado de empréstimo as formas do romantismo francês, processo facilitado pelo seu caráter vago (CANDIDO, 2006, 71).

Antonio Candido, no entanto, pondera em outro ensaio, que embora os escritores naturalistas fossem contrários à idealização romântica, a visão dos intelectuais defensores do naturalismo era ambígua. Sendo o naturalismo uma transposição direta da realidade, eles não encontravam "nas obras da civilização apoio suficiente para justificar o orgulho nacional, eles recuavam para a natureza como segunda linha, entrincheirando-se numa posição que era também capitulação, ao ser um modo colonial e pitoresco de ver o país" (CANDIDO, 2004, 112). Com o aspecto pitoresco de ver o país, o autor ressalta que houve uma redução, na produção brasileira, a elementos científicos, voltados principalmente para a animalidade ou para a construção de um homem concebido como síntese apenas das funções orgânicas. Trata-se, portanto, para Candido não apenas de uma questão científica, mas ética, por causa das conotações relativas à concepção do ser humano produzida nos romances naturalistas.

Não por acaso, Antonio Candido contesta o método crítico de Silvio Romero – um dos principais defensores do naturalismo. Não existia, nas preocupações de Silvio Romero, questionamentos da literatura do ponto de vista estético. Candido, porém, não deixa de apresentar a importância do naturalismo para a história literária brasileira. Entre as principais benesses deixadas por esta perspectiva estética, estava a orientação de uma libertação intelectual de um formalismo colonial e romântico.

> O movimento crítico do Recife, que floresceu desde 1868 ou 1869, e que repercutiu imediatamente no Ceará, logo seguido por fenômenos semelhantes no Sul, foi a primeira manifestação orgânica e flagrante

> do processo de aburguesamento refletindo-se nas esferas mentais (CANDIDO, 2006, 201).

Há, portanto, uma preocupação política por trás da proposta naturalista de conceber arte. Em especial, no Ceará, tanto os estudos da época, quanto os escritos de outrora demonstram haver uma frieza analítica na concepção e na produção naturalista. Os escritores naturalistas compartilhavam visões dos processos históricos e procuravam, com as suas obras literárias, propagandear esse momento. Nas obras desses, havia a preocupação de contribuir para a civilização e o progresso do Ceará e do Brasil.

Se havia a convicção entre os defensores de ser o naturalismo uma proposta vigorosa para o Brasil e de emancipação de seu pensamento, ela logo se esvai uma vez conquistados seus objetivos. Percebe-se não passar de mais um "modismo" intelectual, entre tantos outros vivenciados pelo país. Sobre essa comparação entre moda e pensamento, há o curioso episódio de Adolfo Caminha, sobre a publicação de *A Normalista*. Lançado em 1893, o livro recebeu várias críticas por insistir em uma proposta naturalista, quando essa vertente literária já se apresentava ultrapassada. Em resposta às inúmeras críticas, Adolfo Caminha, convicto de sua ação, publicou uma resposta na *Gazeta de Notícias*, na qual rebatia:

> Para eles, a arte é uma espécie de fato que a gente veste hoje, novo em folha, saidinho da melhor alfaiataria da rua do Ouvidor, para despir amanhã, simplesmente porque está **fora da moda**. Tal é a visão artística dos inimigos do naturalismo; sua estética mal consegue, pelos processos de polarização, distinguir materialmente as cores do prisma newtoniano (CAMINHA, 1999, 67).

4 Considerações Finais

O romance *A Afilhada* apresenta algumas das concepções de Oliveira Paiva sobre arte e vida. Nossa análise é de que Antônia seja a personificação de Fortaleza, por meio dela, o romancista pode expressar todas as suas angústias acerca do momento de transformação por ele testemunhado. Trata-se de uma afirmação arriscada, mas há duas passagens no romance que abrem margem para a nossa interpretação. Em um passeio a cavalo, o desembargador Osório, paraibano, para sobre o alto do Morro do Moinho, no noroeste da cidade, e "pela primeira vez sentia-se abalado por um panorama da sua **província adotiva**" (PAIVA, 1993, 299-300 – grifo meu). Em outro momento, Osório,

conversando com o amigo boticário Fernandes sobre os vários problemas políticos presenciados pela cidade, o boticário, mais uma vez, traz suas sábias palavras ao definir a situação de Fortaleza e do Ceará:

> A liberdade faz isto que você está vendo, seu desembargador, estirava o Fernandes o beiço indicando a cidade. **Esta província ser, da corte, uma afilhada reles, em vez de uma filha querida**. A liberdade faz é consagrar **esses parvenus** em morubixabas, sem flecha e sem tacape em trégua permanente com os dois maiores inimigos desta província, que são a natureza e a corte (PAIVA, 1993, 324 – grifo meu).

Por duas vezes, em um intervalo não muito longo, Fortaleza é reconhecida como um espaço adotado, seja por quem nela more e exerça poder, seja pela corte que não se preocupa muito com ela. Levando à frente esta análise, podemos dizer que Oliveira Paiva demonstra uma angústia por não haver pessoas que "assumam" Fortaleza como sua filha, nem mesmo seus moradores. Estes ficam sempre deslumbrados com as questões do Sul. Vicente, mesmo declarando gostar do Ceará, não quer nele morar.

Coincidência ou não, no momento histórico em que Oliveira Paiva escreve o romance, o Ceará tem acabado de assistir a uma grande comoção perante o governador paulista Caio Prado, um líder político aclamado pela população. Um culto ao estrangeiro aparece de forma tênue em *A Afilhada*. Mas a fala do boticário Fernandes traz mais elementos esclarecedores para o entendimento do romance. Ele denuncia que o Ceará possui dois inimigos: a natureza e a Corte.

A natureza é explorada de forma muito forte por Oliveira Paiva, uma capital quase sertaneja, poderia se dizer. Já a República, não aparece de forma tão frequente. A Fortaleza de Oliveira Paiva é uma cidade extremamente complexa. Oliveira Paiva não deixa os caminhos tão óbvios. É uma cidade cujo ambiente familiar possibilita a ascensão social. Por outro lado, é uma cidade com uma forte presença de manifestações populares, composta por negros, ex-escravos e mendigos.

Oliveira Paiva sai do ciclo da elite e penetra no universo popular, ao dar destaque de protagonista à pobre Antônia, uma mulher que é branca, mas tem a alma de preta; uma jovem criada numa casa aristocrática, mas junto com as galinhas; uma fêmea que conquista a paixão do visconde Afrodisio, mas não se rende aos seus caprichos. Ela, filha de um mendigo, foi entregue aos padrinhos, na esperança de que eles possam dar melhor instrução à menina.

E a Fortaleza vivida por Antônia é a mesma por onde seu pai é esmagado por um trem, símbolo do progresso. A Fortaleza de Oliveira Paiva está em ascensão, mas convive com uma natureza que não colabora para o desenvolvimento. Fortaleza é uma cidade selvagem, por ainda estar situada no meio da selva. Fortaleza é uma cidade em que o português (Afrodísio) é muito bem recebido e todas as mulheres desejam desposá-lo, enquanto ele se interessa muito mais pelos rabos de saia das mulatas escravas e pelas paisagens naturais. Fortaleza é uma cidade conectada com todas as questões do Império, uma vez que Vicente, Boticário e Osório debatem os rumos brasileiros.

Fortaleza de Oliveira Paiva é uma cidade órfã, seja por intempéries climáticas, seja porque os que aqui exercem poder vêm de outros lugares. Aqueles que aqui habitam não se entendem, pois enquanto uns estão protegidos e mais preocupados em desfilar nos bailes sua elegância, outros ficam do lado de fora, pegando todo o sereno.

Referências Bibliográficas

BERMAN, M. *Tudo que é sólido se desmancha no ar*: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CAMINHA, Adolfo. *Cartas Literárias*. Fortaleza: EUFC, 1999. Textos do jornal gazeta de notícias, de 1893.

CANDIDO, A. *O Discurso e a Cidade*. 3. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Ed. Ouro sobre Azul; Duas Cidades, 2004.

_____. *O método crítico de Silvio Romero*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

PAIVA, M. O. *Obra Completa*. Introdução e pesquisa bibliográfica de Rolando Morel Pinto. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993.

RAMA, A. *A cidade das letras*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.

STUDART, B. de. *Datas e Factos para a história do Ceará*. Tomo II. ed. fac-similar. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001.

TINHORÃO, J. R. *Vida, tempo e obra de Manoel de Oliveira Paiva*. Fortaleza: SECULT, 1986.

iTiago Coutinho PARENTE, mestre em sociologia e professor assistente do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará, campus Cariri. tiagocoutinho@cariri.ufc.br